



**A HISTÓRIA DAS**

**ILUSÕES E  
LOUCURAS  
DAS MASSAS**

**AS ARMADILHAS DOS CISNES NEGROS**

**CHARLES MACKAY**



CHARLES MACKAY

**A HISTÓRIA DAS  
ILUSÕES E  
LOUCURAS  
DAS MASSAS**

Editado e comentado por

EDUARDO LEVY



FARO  
EDITORIAL

# LOUCURAS FINANCEIRAS

## O ESQUEMA DO MISSISSÍPI

Há uma relação tão íntima entre a personalidade e a carreira de um homem específico e o grande esquema dos anos 1719 e 1720 que não pode haver introdução mais propícia para a narrativa da loucura do Mississípi do que um esboço da vida de seu grande autor, John Law. Alguns historiadores consideram-no um canalha, outros, um louco. Ambos os epítetos lhe foram aplicados em vida com profusão, enquanto ainda se sentiam profundamente as consequências infelizes de seus projetos. A posteridade, porém, encontrou motivos para duvidar da justiça da acusação, bem como para confessar que John Law não foi nem um canalha nem um louco, mas alguém que foi enganado em vez de enganar, foi vítima do pecado em vez de pecar. Ele conhecia muito bem a filosofia e os princípios do crédito. Compreendia a questão monetária melhor que qualquer outro homem de seu tempo. Se seu sistema sofreu um colapso tão tremendo, a culpa foi mais do povo entre o qual foi erguido que daquele que o ergueu. Law não contava com a insaciável cobiça de uma nação inteira; não calculou que a confiança poderia, assim como a desconfiança, ampliar-se quase ao infinito, nem que a esperança era tão extravagante quanto o medo. Como ele poderia prever que o povo francês, assim como o homem da fábula, mataria, em seu entusiasmo frenético, a bela galinha dos ovos de ouro que ele lhe dera?



# PROFECIAS MODERNAS

O pavor generalizado do fim do mundo já se espalhou incontáveis vezes por entre as nações. O episódio mais notável consistiu naquele que se apoderou da cristandade em meados do século X. Numerosos fanáticos surgiram na França, na Alemanha e na Itália, a pregar que os mil anos profetizados no Apocalipse, limite da duração do mundo, estariam prestes a expirar. Assim, o Filho do Homem irromperia nas nuvens para julgar piedosos e ímpios. A heresia foi desencorajada pela Igreja, mas, de toda forma, espalhou-se de maneira vertiginosa.

Era esperado que o julgamento final ocorresse em Jerusalém. No ano de 999, a quantidade de peregrinos migrando para o Oriente a fim de ali aguardar a vinda do Senhor era tão imensa que chegou-se a compará-los a um exército aterrador. A maioria deles vendeu bens e propriedades antes de partir da Europa, e passou a viver com os valores remanescentes na Terra Santa. Edifícios de todo o tipo foram se deteriorando até desabar em ruínas. Considerava-se inútil repará-los quando o fim do mundo estava tão próximo. Construções pomposas foram, também, deliberadamente postas abaixo. Mesmo as igrejas, que em geral eram bem preservadas, sofreram com a negligência e o pânico generalizados. Cavaleiros, cidadãos e servos viajavam para o Oriente em caravanas, levando consigo esposas e filhos, entoando salmos enquanto caminhavam com olhares temerosos para o céu, que esperavam se abrir a cada minuto para permitir a chegada do Filho de Deus em sua Glória.

Durante o milésimo ano, o número de peregrinos aumentou. Dentre eles, a maior parte parecia haver sido acometida por uma praga, tamanho era o seu amedrontamento. Qualquer fenômeno da natureza os alarmava. Uma tempestade de trovões os punha de joelhos no meio de uma marcha. Para eles, o trovão equivalia à voz de Deus a prenunciar o Juízo Final. Muitos esperavam que a terra se abrisse e dela emergissem os mortos ao som tenebroso dos estrondos. Cada meteoro visto no céu de Jerusalém levava toda essa população cristã às ruas, com lamúrias e preces desesperadas. Pregadores fanáticos mantinham acesa a chama do temor. Cada estrela cadente fornecia oportunidade para um sermão. A redenção diante do grande julgamento que se aproximava constituía o principal tema das pregações.

Muitas vezes, ao longo da história, a passagem de cometas foi considerada presságio da iminente dissolução deste mundo. Parte dessa crença ainda perdura; mas o cometa já não é mais visto como um sinal, e sim como o agente da destruição. No ano de 1832, por exemplo, tal alarde premonitório se espalhou pelo continente europeu, em especial pela Alemanha, por sobre cujo céu, previram os astrônomos, passaria um cometa que supostamente destruiria a Terra. A ameaça global foi discutida a sério. Muitas pessoas se abstiveram de se engajar em qualquer empreendimento, ou de concluir qualquer negócio durante aquele ano, devido, unicamente, à preocupação de que o terrível cometa destruisse a todos, levando o planeta a se desfazer em átomos.

Durante períodos de calamidade, predições do fim do mundo, anunciadas por fanáticos malucos de toda sorte, costumam fazer grande sucesso. Na época da peste negra, que acometeu toda a Europa, especialmente entre 1345 e 1350, dava-se como certo que o fim dos tempos estava prestes a ocorrer. Ambiciosos profetas eram encontrados nas principais cidades da Alemanha, da França e da Itália, predizendo como, dentro de uma década, as trombetas do Arcanjo iriam soar, e o Salvador surgiria entre as nuvens para anunciar o Juízo Final.

Não menos avassaladora foi a consternação geral criada em Londres em 1736, quando se espalhou a profecia do famigerado Whiston, teólogo que prenunciou o fim do mundo mediante uma inundação ainda naquele ano, em 13 de outubro. Multidões de crédulos partiram no



*"A visão da morte" por Gustave Doré, 1868.*

dia anunciado em direção a Islington, Hampstead, e a descampados próximos, para assistir à destruição de Londres, o que seria “o começo do fim”. Nem sequer choveu em Londres naquele dia.

No ano de 1761, também em Londres, os cidadãos se alarmaram com dois terremotos e com a previsão de um terceiro, que os destruiria

# INFLUÊNCIA DA POLÍTICA E DA RELIGIÃO NO CABELO E NA BARBA

A célebre declaração de São Paulo de que “é desonra para o homem ter cabelo crescido” (1 Coríntios 11:14) foi usada por governos tanto civis quanto eclesiásticos como pretexto para inúmeras prescrições singulares. Da implantação do cristianismo até o século XV, o corte de cabelo e o estilo da barba foram questões de Estado na França e na Inglaterra.

Constatamos, porém, que já em épocas muito anteriores não se permitia aos homens fazer o que quisessem com o próprio cabelo. Alexandre, o Grande, acreditava que as barbas de seus soldados ofereciam ao inimigo uma conveniente alça, prelúdio do corte de suas cabeças; para privá-lo dessa vantagem, Alexandre ordenava a todo o exército que rapasse o rosto. A concepção que ele tinha de cortesia para com o inimigo era bem diferente daquela dos índios norte-americanos, entre os quais era questão de honra deixar a “mecha cavalheiresca” crescer, de modo que o oponente, ao tirar o escalpo, pudesse segurar algo.

Durante algum tempo, os cabelos longos foram o símbolo da soberania na Europa. Entre os sucessores de Clóvis,\* era privilégio exclusivo da família real ter cabelos grandes e cacheados. Com poder equiparável ao do rei, os nobres não admitiam mostrar inferioridades nesse aspecto, e usavam não somente o cabelo, mas também a barba de enorme

\* Clóvis I (466-511) foi o primeiro rei dos francos a unir todas as tribos sob um soberano comum. (N. do T.)



comprimento. Essa moda durou, com mudanças leves, até o tempo de Luís, o Piedoso (778-840); os seus sucessores, até Hugo Capeto (941-996), usavam o cabelo curto para distinguir-se. Até os servos desafiavam toda a regulação, e deixavam as madeixas e as barbas crescerem.

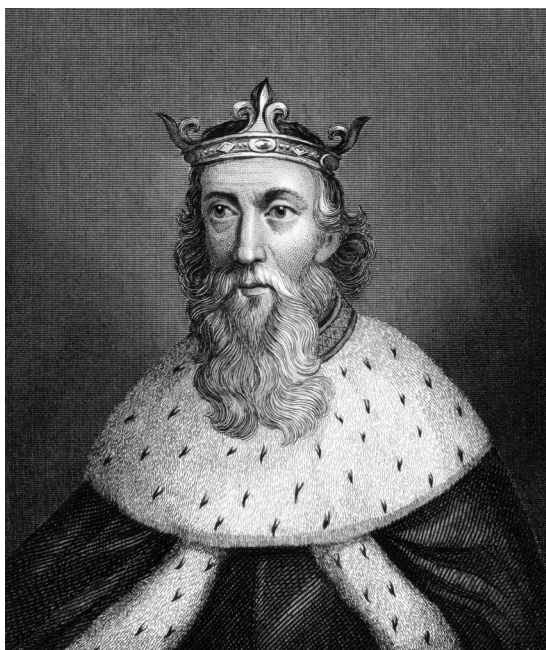
Na época da invasão da Inglaterra por Guilherme, o Conquistador,\* os cabelos dos normandos eram bem curtos — ao contrário da moda entre os ingleses: cabelos grandes e bigode, mas queixo rapado. Ao seguir para Hastings, o rei Haroldo enviou espiões para apurar a força e os números do inimigo, e ao retornar, eles relataram, entre outras coisas, que “a companhia parecia formada por padres, pois todos eles tinham todo o rosto e a barba rapados”. Quando os arrogantes vitoriosos dividiram entre si as amplas terras dos nobres saxões, ocasião em que todo tipo de tirania foi empregado para fazer com que os ingleses se sentissem de fato subjugados e alquebrados, encorajou-se entre eles o crescimento dos cabelos, para que se assemelhassem o mínimo possível a seus podados e aparados senhores.

Esse estilo, desagradabilíssimo para o clero, imperava em grande medida na França e na Alemanha. No fim do século XI, foi declarado pelo papa, com zeloso apoio das autoridades eclesiásticas de toda a Europa, que aqueles que usassem cabelos grandes deveriam ser excomungados enquanto vivessem e não deveriam receber orações quando morressem. Guilherme de Malmesbury relata que São Vulstano (1008-1095), bispo de Worcester, ficava especialmente indignado sempre que via um homem de cabelos grandes, os quais considerava altamente imorais, bestiais e criminosos. Ele carregava uma pequena faca no bolso, e sempre que algum culpado dessa ofensa se ajoelhava diante dele para receber a bênção, Vulstano a estendia marotamente, cortava um punhado de cabelo e jogava-o no rosto da vítima, mandando-a cortar o resto se não quisesse ir para o inferno.

Mas a moda, que às vezes se pode alterar com um mero peteleco, permanece firme quando leva um soco; e os homens preferiram arriscar

\* A Inglaterra, então sob domínio saxão, foi invadida e conquistada pelos normandos, liderados por Guilherme, em 1066. A batalha decisiva, na qual o rei inglês, Haroldo, foi morto, aconteceu em Hastings no dia 14 de outubro. (N. do T.)

a danação a abandonar a futilidade capilar. No tempo do rei Henrique I (1068-1135), Anselmo, arcebispo de Cantuária, julgou necessário republicar o famoso decreto de excomunhão e ilegalidade contra os transgressores; mas, como a própria corte começara a adotar cachos, as imputações da Igreja foram ineficazes. Henrique I e seus nobres usavam os cabelos em longos cachos até as costas, tornando-se *scandalum magnatum* aos olhos dos piedosos. Um tal Serio, capelão do rei, sentiu-se tão aflito ante a impiedade do mestre que pregou, diante de toda a corte, um sermão baseado no conhecido texto de São Paulo, no qual descreveu um quadro tão pavoroso dos terríveis tormentos que esperavam pelos cabeludos no outro mundo que vários deles caíram em lágrimas e puxaram os próprios cabelos, como se quisessem arrancá-los pela raiz. O próprio Henrique chorou. O padre, vendo a impressão que



*Henrique III, também conhecido como Henrique de Winchester, foi o rei da Inglaterra, lorde da Irlanda e duque da Aquitânia, de 1216 até sua morte. Filho do rei João da Inglaterra e Isabel de Angoulême, Henrique assumiu o trono com apenas nove anos de idade, no meio da Primeira Guerra dos Barões.*

# VENENOS LENTOS

O assassinato atroz por envenenamento, causado por venenos que operam de modo tão lento que levam um observador comum a crer que a vítima padece gradualmente de causas naturais, é uma prática conhecida de todas as épocas. No início do século XVI, a incidência desse crime parece ter começado a aumentar progressivamente, de modo que no século XVII ele já havia se espalhado por toda a Europa, como uma verdadeira praga. De início, foi muito praticado por pretensos feiticeiros e magos, e, por fim, tornou-se uma área de estudo para todos que alegavam dominar a magia e as artes sobrenaturais. No vigésimo primeiro ano de Henrique VIII, deu-se um episódio considerado de alta traição. Os culpados foram fervidos até a morte.

Um dos primeiros casos de que se tem notícia, e que é difícil superar em termos de atrocidade, foi o assassinato de sir Thomas Overbury, que desonrou a corte de Jaime I no ano de 1613. Um pequeno esboço dele serve de introdução propícia à história do frenesi de assassinatos por envenenamento, cuja recorrência chegou a se prolongar à França e à Itália, mesmo cinquenta anos depois.

Robert Kerr, um jovem escocês, logo foi notado por Jaime I e carregado de honrarias, por nenhuma outra razão conhecida senão sua beleza pessoal. Suspeitava-se que Jaime fosse adepto daquela que era considerada, então, a mais abominável de todas as ofensas. Quanto mais examinamos sua história, mais fortes se tornam os indícios de que a suspeita

tinha fundamento. Seja como for, o belo Kerr oferecia sua bochecha macia, mesmo em público, para os beijos repugnantes de Sua Realeza, e enrubescia, de imediato, em seu favor. No ano de 1613, ele foi nomeado lorde tesoureiro da Escócia, e deu origem a um título de nobreza inglês: visconde de Rochester. Outras honras ainda lhe estavam reservadas.

Diante de ascensão tão ligeira, não lhe faltaram amigos. Sir Thomas Overbury, o secretário do rei — que parece, graças a ameaças em suas próprias cartas, não ter sido mais do que uma espécie de fomentador dos vícios de Sua Realeza, e que estava ciente dos perigosos segredos do rei —, exerceu, à surdina, todo o seu poder de influência para conseguir a promoção de Kerr, o qual, por sua vez, sem dúvida retribuiu de um jeito ou de outro. Overbury não limitou sua amizade a isso, se é que se pode chamar de amizade o que houve entre os dois — ele atuou como alcoviteiro ao ajudar Rochester a manter um caso de adultério com lady Frances Howard, esposa do conde de Essex. Lady Frances era uma mulher de paixões violentas, desprovida de todo o senso de prudência. Seu marido era uma pedra no caminho e, para se libertar dele, ela tomou medidas para instaurar um divórcio, o que qualquer mulher de modéstia ou delicadeza de sentimentos preferiria morrer a ter de encarar. O escandaloso processo foi bem-sucedido e, assim que acabou, foram providenciados os preparativos, em uma escala de enorme magnificência, para seu casamento com lorde Rochester.

Sir Thomas Overbury, que de bom grado ajudou o patrono no romance com a condessa de Essex, parece ter imaginado que o casamento com uma mulher tão vil poderia retardar a ascensão social do “amigo” — assim, passou a empregar toda a sua influência para dissuadir Rochester da ideia. Mas Rochester estava demasiadamente imerso nesse projeto, e suas paixões eram tão violentas quanto as da condessa. Em determinada ocasião, quando Overbury e o visconde caminhavam na galeria de Whitehall, ouviu-se Overbury dizer: “Bem, meu senhor, se casar com essa mulher abjeta arruinará totalmente sua honra e a si próprio. Jamais terá o meu consentimento; e, caso o faça assim mesmo, é melhor que se prepare para as consequências”. Rochester voltou-se furioso, exaltando um juramento: “Ajustarei minhas contas com você por isso”. Essas palavras foram a sentença de morte do infeliz Overbury, que

feriu mortalmente o orgulho de Rochester ao insinuar que este poderia ser rebaixado diante do rei; ele ousara tentar conter as paixões ardentes de um homem dissoluto e insensato.

As objeções imprudentes de Overbury foram relatadas à condessa; e a partir de então, ela também prometeu a vingança mais mortal contra



*A dança inglesa da morte, de Thomas Rowlandson, 1815.*

# CASAS MAL-ASSOMBRADAS

Quem nunca soube de casas fechadas e inabitáveis, caindo aos pedaços, empoeiradas e sombrias, das quais, à meia-noite, procedem sons estranhos — batidas aéreas, correntes a se arrastar e gemidos de espíritos perturbados —, casas pelas quais as pessoas acham que não é seguro passar depois do anoitecer, que permanecem anos sem alugar e que nenhum inquilino ocuparia, mesmo que fosse pago para isso? Hoje existem centenas de moradias na Inglaterra, na França, na Alemanha e em quase todos os países da Europa marcadas pelo medo — lugares que os mais temerosos evitam, e os piedosos, ao passar por eles, benzem-se, crendo-os residências de fantasmas e espíritos malignos. Existem muitas dessas casas em Londres; e se alguém que se vangloria do poder do intelecto se desse ao trabalho de descobri-las e contá-las, ficaria convencido de que o intelecto ainda precisa avançar muito antes que essas velhas superstições possam ser erradicadas.

Muitas casas foram condenadas como assombradas e evitadas pelos receosos e crédulos devido a circunstâncias insignificantes, que só requeriam, para que tudo se esclarecesse e o alarme se dissipasse, o exame de uma mente vigorosa. Uma delas, em Aix-la-Chapelle, uma grande construção de aparência desolada, permaneceu desabitada por cinco anos, devido às batidas misteriosas que nela eram ouvidas a toda hora do dia e da noite. Ninguém conseguia explicar os barulhos; e o medo tornou-se finalmente tão excessivo que os moradores das casas

de ambos os lados da rua abandonaram o bairro e foram viver onde era menor a possibilidade de serem perturbados por espíritos malignos. Por ter ficado tanto tempo sem habitante, a casa se tornou uma ruína, tão suja, tão miserável e tão parecida com os lugares que se espera que os fantasmas assombrem, que poucos se arriscavam a passar por ela depois do pôr do sol. As batidas ouvidas em um dos quartos superiores não eram muito altas, mas muito regulares. Pelo bairro se dizia que frequentemente ouviam-se gemidos vindos dos porões, e viam-se luzes se movendo de uma janela para outra imediatamente após o sinal da meia-noite tocar. Relatou-se que espectros brancos giravam e tagarelavam nas janelas. Nenhuma dessas histórias resistia à análise, mas as batidas eram um fato que ninguém podia contestar, e várias tentativas ineficazes foram feitas pelo proprietário para descobrir a sua causa. As salas foram aspergidas com água benta — um padre ordenou, com os ritos apropriados, que os espíritos partissem dali para o Mar Vermelho —, mas as batidas ainda continuaram. Por fim, por causa de um acidente descobriu-se o que as causava, e a tranquilidade do bairro foi restaurada. Para se livrar de todo aborrecimento futuro, o proprietário, que sofria não apenas na mente, mas também no bolso, vendeu a construção por um preço absurdamente baixo. O novo proprietário estava parado em uma sala no primeiro andar quando ouviu a porta ser empurrada para baixo com um ruído considerável e depois se abrir imediatamente. Ele ficou parado observando por um minuto, e a mesma coisa ocorreu uma segunda e uma terceira vez. A seguir, o proprietário examinou a porta com atenção, e desvendou todo o mistério. A trava da porta havia quebrado, de modo que ela não trancava e girava sobre a dobradiça inferior. Logo em frente a ela havia uma janela com um vidro quebrado; e quando o vento estava em um determinado quadrante, a corrente de ar era tão forte que soprava a porta com certa violência. Não havendo trava, ela se abria de novo; e quando havia uma nova rajada de vento, batia mais uma vez. O novo proprietário não perdeu tempo em mandar chamar um vidraceiro, e os barulhos misteriosos cessaram para sempre. A casa foi remodelada e repintada, e recuperou o bom nome que perdera. Dois ou três anos depois, no entanto, ela voltou ao favor popular; e muitas pessoas, mesmo assim, continuaram

evitando passar por ela se pudessem chegar ao seu destino por qualquer outra rua.

Uma história semelhante é narrada por sir Walter Scott em *Letters on Demonology and Witchcraft* [Cartas sobre demonologia e bruxaria], cujo herói era um cavaleiro de nascimento e distinção, bem conhecido no mundo político. Logo depois que ele conseguiu seu título e suas propriedades, houve um boato entre os empregados sobre um barulho estranho que costumava ser ouvido à noite na mansão da família e cuja causa ninguém conseguia determinar. O cavaleiro resolveu investigar pessoalmente e ficar de vigília para esse fim com um empregado que envelhecera na família e que, como o resto, havia sussurrado coisas estranhas segundo as quais a batida teria começado imediatamente após a morte de seu antigo mestre. Os dois ficaram de guarda até que o barulho fosse ouvido e, por fim, localizaram a sua origem em um pequeno depósito, do qual o velho mordomo tinha a chave, usado para guardar provisões de vários tipos para a família. Eles entraram lá e ali permaneceram por algum tempo, sem ouvir ruído algum. Por fim, o



Gravura do British Museum ilustrando a revolta das fadas.